



Farol Literário:

coletânea dos ganhadores do
**IX Concurso de Contos e
II Concurso de Poemas
do IF Goiano**



Farol Literário:

coletânea dos ganhadores do
IX Concurso de Contos e
II Concurso de Poemas do IF Goiano

Organizadores:

Roseli Gonçalves da Rocha
Caroline Guimarães Silva
Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura
Eduardo de Faria Viana
Ausbie Luís Graça Araújo
Márcia Maria de Borba
Claudio Virote Lacerda

2023© Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – IF Goiano
ISBN:

Organizadores: Roseli Gonçalves da Rocha, Caroline Guimarães Silva, Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura, Eduardo de Faria Viana, Ausbie Luís Graça Araújo, Márcia Maria de Borba, Claudio Virote Lacerda.

Revisores: Solange da Silva Corsi, Sarah Suzane Amâncio Bertolli Venâncio Gonçalves, Maria de Lourdes Jacinto Caetano, José Ângelo Gomes Nunes, Wilciene Nunes do Vale.

Projeto Gráfico e Capa: Adson Pereira de Souza

Bibliotecário responsável: Johnathan Pereira Alves Diniz

O conteúdo desta obra é público e poderá ser reproduzido integralmente ou em partes, desde que citada a fonte. O conteúdo e os temas abordados nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores. Eximindo-se assim a responsabilidade legal do Instituto Federal Goiano, sobre possíveis futuras contestações ou quaisquer outras alegações.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

I59c INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Contando Histórias de Goiás a Paraty: coletânea dos ganhadores do IX concurso de contos e II concurso de poemas do IF Goiano / [Organização de] Roseli Gonçalves da Rocha, Caroline Guimarães Silva; Geísa d'Ávila Ribeiro Boaventura; Eduardo de Faria Viana; Ausbie Luís Graça Araújo; Márcia Maria de Borba; Claudio Virote Lacerda. - Goiânia: IF Goiano, 2022. 35 p.

ISBN:

1. Literatura Brasileira - Contos. 2. Contos Goianos. 3. Poemas Goianos. I. Rocha, Roseli Gonçalves da. II. Silva, Caroline Guimarães. III. Boaventura, Geísa d'Ávila Ribeiro. IV. Viana, Eduardo de Faria. V. Araújo, Ausbie Luís Graça. VI. Borba, Márcia Maria de. VII. Lacerda, Claudio Virote. VIII. IF Goiano. IX. Título.

CDU: 821.134.3(817.3)-34



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Farol Literário:

coletânea dos ganhadores do
IX Concurso de Contos e
II Concurso de Poemas do IF Goiano

Edição 2023

Apresentação

Chegamos na IX edição do Concurso de Contos e II edição do Concurso de Poemas do Projeto Farol Literário, mantendo o objetivo de valorizar a produção literária em nosso estado e estimular o prazer de ler e escrever da nossa comunidade interna e externa. O projeto é coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex), por meio do Núcleo de Arte e Cultura do IF Goiano (NAIF) e em parceria com o Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI).

Desde a edição passada, tivemos duas grandes novidades: a inclusão do concurso de poemas e a abertura do projeto à comunidade em geral, garantindo o compromisso extensionista de atender o público externo. Outra novidade importante da edição do ano passado e que também permanece nessa edição de 2022 foi a parceria do Farol Literário com a Feira Literária do Vale do São Patrício (Flivasp), evento literário que acontece em Ceres-GO e reúne leitores, escritores, editores e amantes da literatura em geral.

Para auxiliar os candidatos na escrita dos contos e poemas, o IF Goiano com a parceria dos organizadores da Flivasp realizaram, no mês de maio de 2022, duas oficinas formativas no formato de lives - uma de contos e outra de poemas, ministradas pelas professoras Helissa Soares e Tarsilla de Brito.

Este e-book reúne os melhores contos e poemas dos estudantes, servidores e participantes da comunidade externa ao IF Goiano. Seguimos com a intenção de incentivar esses autores a divulgarem suas produções e, dessa forma, estimular também o gosto da população pela leitura, abrindo os horizontes para diferentes saberes e contribuindo para uma formação humana e criativa.

Boa leitura!

Sumário

CONTOS

A minha ilusão

Por Maria Eduarda Gonçalves Barbosa 10

Flora, a loba guará

Por Maria Tereza Lourenço de Souza 13

Fomes piores

Por João Lucas G. Martins 17

O cisco e trave na terra de ninguém

Por Ted Silva Dantas 21

Um descanso para Tereza

Por Sara Sampaio 29

Zelinda

Por Regina Ruth Rincon Caires 38

POEMAS

Aprender química em casa

Por Fábio Alves Leão 45

A sombra da inveja

Por Matheus Fernandes de Sousa 47

Memórias de uma vida inteira

Por Emrick Augusto Borges Almeida 49

Perdeu o fio da vida quando deparou-se com a meada

Por Isabella dos Santos Lima 53

Síndrome do ninho vazio

Por Manuela Coelho Amin Ferraz 55

Vivi num tempo

Por Benedito Justino Bezerra 57



Contos

A minha ilusão

Por Maria Eduarda Gonçalves Barbosa

Eu estava exausto. Exausto de ter que vivenciar aquilo dia após dia. Acordar, ir à escola e depois ter que acompanhar minha mãe naquele trajeto longo e cansativo do trabalho até em casa. Fazia muito frio naquela noite, mesmo com o aquecedor do carro ligado. Talvez esse frio todo fosse o gelo que minha mãe estava me dando, desde que ela foi chamada pela terceira vez consecutiva à diretoria por eu ter bebido na escola. Mas que outro refúgio eu poderia ter para esquecer o fato de meu pai ter nos abandonado? Eu queria conseguir fazer como ela, que foi abandonada e traída, e finge que nada aconteceu. O fato dele encontrar outra família tão rápido fez com que minha mãe entrasse em piloto automático. Nesses últimos meses eu só pude estar distante dela cada vez mais.

O caminho até em casa era longo e cansativo e eu só conseguia pensar em chegar em casa o mais rápido possível, mas quanto mais eu pensava, mais o caminho ficava longo. Logo começou a chover. Uma chuva tão triste que se podia sentir em seu peito a dor que o clima passava. Nunca havia chovido assim. Parecia até cena de filme. Por um instante eu só conseguia ver uma luz clara e forte vindo em nossa direção. Sempre me perguntei se morrer doía ou como era depois da morte, mas sempre tive medo de descobrir essa resposta. Aquela luz branca e o barulho alto da buzina, misturado com aquele clima tão tenso, era minha última lembrança daquela noite. Era estranho ouvir vozes de grito, choros, barulho de sirene e não conseguir abrir os olhos de tão pesados que eles estavam. Parecia que eu estava em um sono profundo.

Não sei quanto tempo se passou, mas acordei em um quarto de hospital. O estranho é que não havia ninguém ali. Talvez o motivo de estar sozinho nesse quarto era que todos estavam ocupados com o velório da minha mãe. Por um instante, enquanto eu olhava pela janela e observava o clima tão triste e sombrio que estava lá fora, as memórias da noite chegaram a mim como um soco forte no estômago. Era estranho. Não conseguia sentir nada. Por mais que eu estivesse gritando por dentro, foi como se algo em mim estivesse segurando aquela dor de saber que minha mãe morreria. O outro carro? Bom, não sei ao certo, mas parece que ninguém se machucou. Apenas pequenos arranhões. Foi o que ouvi dos médicos conversando no quarto ao lado.

Mesmo não acreditando, eu precisava ser forte e ir ajudar no velório. Minha família tinha uma tradição que eu achava um pouco estranha e assustadora. Quando alguém morria eles colocavam um retrato da pessoa em cima de uma lareira, na antiga da casa do meu avô, em forma de memória, e o velório ocorria na sala ao lado.

Eu não conseguia achar estranho o fato de ninguém vir me consolar ou perguntar como eu estava. Acho que o culpado disso tudo era eu. Se minha mãe não tivesse ido na escola naquele dia por minha causa, a gente não teria enrolado para sair; se eu tivesse sido um filho bom, ela não estaria chorando de decepção, ficando com os olhos embaçados de lágrimas. Sei que me culpar pela morte dela era errado, mas não havia ninguém que pudesse ser culpado além de mim.

Mais tarde, naquele mesmo dia, fui me arrumar para o velório. Escolhi o terno que ela me deu de presente no Natal passado para usar na formatura. Achei que seria o momento certo, já que foi algo que ela escolheu. Antes de entrar na velha casa onde estava ocorrendo o velório, eu me acomodei em um banco de madeira velha, em que costumávamos nos sentar e falar um pouco de tudo. Lembranças boas tomaram conta de mim e não consegui segurar as lágrimas.

Sabe aquelas cenas de filmes onde ocorre um velório e o clima está tão tenso que todos ficam em silêncio o tempo todo? Então, estava vivendo esse cenário desde que acordei no hospital. Tentando acreditar que a culpa não era minha e ao mesmo tempo me culpando por dentro. Eu precisava entrar naquela casa e me despedir pela última vez da minha mãe. Não podia ser covarde a ponto de ficar aqui fora chorando, igual uma criança, quando os pais negam algo.

Levando comigo as lembranças boas que tive com minha mãe naquele velho banco, fui em direção àquela casa. O momento mais difícil foi entrar por aquela porta e me deparar com a foto de minha mãe. Mas, para minha surpresa, não havia a foto dela e sim a minha. Minhas mãos começaram a tremer. Pude sentir meus lábios ficando cada vez mais secos e a falta de ar aumentando constantemente. Não conseguia sequer me mexer por uns segundos.

Como minha foto estava ali se eu sobrevivi?

Era impossível não notar a movimentação na sala ao lado onde acontecia o velório. Com as pernas bambas fui em direção àquela sala, com a esperança de não ver o meu corpo sem vida dentro de um caixão. Quando me aproximei do local, avistei o caixão logo ao centro e minha mãe, em estado de choque, olhando para o meu corpo sem vida. Foi aí que tive a certeza que naquele acidente eu havia morrido. A minha ilusão de estar vivo era tão forte que, mesmo vendo meu corpo deitado e sem vida, com aquele terno preto que minha mãe havia escolhido, não me deixava acreditar naquela cena. Creio que todos nós temos um pouco de Dom Quixote, pois fazemos com que certas ilusões sejam mais fortes que a realidade e eu não conseguia acreditar que eu havia morrido.

Flora, a loba guará

Por Maria Tereza Lourenço de Souza

Um dia depois da Lavagem do Bonfim, no Alto da Terezinha, um bairro de Salvador, a mãe de Flora brigou com Raimunda, uma poderosa feiticeira. Como consequência de sua ira, Flora foi transformada em uma Loba-Guará e só poderia voltar à forma humana quando ela tomasse o chá da fruta milagrosa. Desesperados, os pais e o irmão de Flora, ajoelhados nos pés de Raimunda, suplicavam por uma pista de onde encontrariam a fruta.

— Os olhos de todos que podem ver revelam onde encontrar a fruta que tanto desejam. — Disse Raimunda.

Uma semana depois, ainda sem decifrar a pista de Raimunda, a família daquela linda Loba-Guará entrara na velha camionete e começara a busca. Primeiro procuraram por toda a sua região, exploraram por meses as matas dali, fizeram chá de jambo rosa, araçá, umbu, pitomba e todas as outras frutas nativas daquela região, mas nenhum chá foi capaz de trazer aquela bela jovem.

— Vamos seguir viagem. Não é possível que tenha outra espécie de fruta aqui — disse a mãe da Loba-Guará.

— Você tem razão! Vamos voltar para a camionete e seguir viagem — disse o pai da Loba-Guará.

Já havia passado seis meses e nada de encontrarem a fruta milagrosa. Todos estavam cansados de procurar, mas o amor é muito maior

e mais forte do que qualquer feitiço ou dor nas costas. A exploração no Sul não trouxe bons resultados. Além de não encontrarem o que tanto queriam, a mãe da Loba-Guará adoeceu. Tossia dia e noite, mal conseguia andar. Estava suando frio. Depois de muito esforço, conseguiram voltar para a camionete.

— Mamãe, Papai e Miguel, não quero que passem por isso. Vamos voltar para casa.

Pela primeira vez, após o feitiço, a Loba-Guará conseguiu conversar como humana.

— Voltaremos para casa sim! Papai vai ficar cuidando da mamãe, você e eu vamos explorar as outras regiões — disse Miguel.

Como o estado da mãe era extremamente preocupante, todos concordaram. Na noite anterior à partida dos irmãos, depois de tanto tempo, Miguel tentou novamente decifrar a pista de Raimunda: “Os olhos de todos que podem ver, revelam onde encontrar a fruta que tanto desejam”. Miguel concluiu que todos que enxergavam conseguiam ver que Flora agora era uma Loba-Guará, animal do Cerrado, e que a fruta milagrosa deveria ser desse bioma. A exploração tinha sido realizada no Nordeste, Sudeste e Sul. Quando terminasse de amanhecer partiriam, com destino ao centro oeste. Miguel não disse nada a ninguém. Apesar de estar confiante, não tinha certeza do que achava ser a solução da pista de Raimunda. Depois de dias, quando já estavam em exploração, a linda Loba-Guará abriu seu coração.

— Eu não aguento mais procurar. Tem quase um ano! Mamãe ficou doente. Você deve estar cansado. Temos que voltar a tempo da Lavagem do Bonfim. Se não encontrarmos a fruta milagrosa aqui no Centro-Oeste vamos parar! Chega! — disse a Loba-Guará com a voz triste e cansada.

Mangaba, araticum e murici eram algumas das frutas que a Loba-Guará tomou chá, mas nenhum resolveu o problema da pobre jovem. Duas semanas depois, estavam sentados e angustiados na beira do Rio das Almas. Rapidamente começou o pôr-do-sol. De repente, saiu das águas uma mulher dourada. Para a sorte dos irmãos, aquela era a Mãe dos Biomas Brasileiros, o espírito bondoso de Rosane, uma ativista assassinada cruelmente. Ela chegou perto dos irmãos, colocou a mão esquerda no peito de Miguel e ele conseguiu ver onde estava a árvore da fruta milagrosa. Em seguida, a Mãe Dos Biomas Brasileiros sumiu misteriosamente. Dois dias se passaram e eles chegaram à árvore, o maior pequizeiro do estado de Goiás, o único que dava frutos o ano inteiro. Mesmo sem nunca ter provado ou escutado falar em pequi, magicamente Miguel sabia seu nome e tudo sobre o fruto, inclusive tomou cuidado com os espinhos de dentro da castanha.

— O chá está pronto. Você voltará a ser a minha pequena Flora – disse Miguel.

— Serei eternamente grata a você, maninho. – disse a Loba Guará.

Quando ela acabou de tomar a xícara de chá, se contorceu toda e saiu uma fumaça preta de seu corpo. A Loba-Guará voltou a ser a pequena Flora, uma bela jovem de pele negra, cabelo cacheado, olhos escuros e brilhantes como uma noite de lua cheia. Voltaram para o local que estava a velha camionete e encontraram uma Camionete Renault Alaskan com o tanque totalmente cheio. Felizes, seguiram viagem, dessa vez para casa. No trajeto, Miguel falava somente de Goiás. Estava maravilhado com o cerrado. Achou exuberante toda a biodiversidade desse bioma e, claro, levou algumas frutas milagrosas na mochila. Quando chegaram em casa, encontraram a mãe saudável. Tinha passado 363 dias e, para comemorar o final feliz, no jantar os pais prepararam um banquete. Tinha caruru, acarajé, abará, maniçoba e mugunzá. No dia seguinte, a família foi para a Lavagem do Bonfim. Chegaram em casa felizes e renovados, mas ficaram

surpresos e com medo ao se depararem com uma panela cheia de pequi cozido em cima da mesa, pois os que Miguel trouxe ainda estavam guardados na geladeira. Os irmãos sentiram uma energia diferente na casa. Logo sentiram que Rosane, a Mãe Dos Biomas Brasileiros, estava por perto, cuidando da Caatinga.

Fomes piores

Por João Lucas G. Martins

Não sou doente. Não sou nojento. Como todos os homens, eu possuo minhas transgressões, meus pecados, minhas vergonhas; acima de tudo, “a carne é fraca”, e a minha pode já estar podre. Peço a Deus o seu perdão, vejam: sou católico: possuo um São Cristóvão no painel do caminhão, rezo o terço, nunca deixo de ir à igreja aos domingos; mas é de segunda a sábado que meu diabo me perturba.

Passo mal de fome, não aquela que come o estômago, mas uma que devora a alma quando está sendo saciada. Uma sombria, terrível! Mas há fomes piores. São aquelas figuras do canto da estrada que me provocam isso, aquelas tristes vidas dentre os andarilhos, os mortos, os infelizes, há as pequenas graças de Deus: jovens jogadas ao acaso, sozinhas. É até pecado desperdiçar a oportunidade. Entendam: eu lhes faço um favor, eu lhes prego sobre a crueldade do mundo, eu as torno adultas.

Quando passo pela estrada, olhos atentos no acostamento, nas criaturas febris, a caça depois de ter lavado as rodas na última cidade. É assim que, de vez em quando, encontro umas pobres almas sedentas de ensinamentos. Secas e cansadas pelo sol da estrada, as pernas bambas, vagam ali por dias, esperando que a sorte lhes tragam bons ventos, abraçam a barriga, como se a fome devoradora, a fome física, fosse a única coisa que possuíssem. Um rosto singelo, doce, meigo, jovem e inocente; de olhos vagos, profundos, tristes, e cheios da esperança de acabar com sua desgraça. Estes são os olhos que, me fitando, ao mesmo que me chamam para o erro carnal, me julgam a fraqueza.

— Qual é o seu nome, querida? — pergunto abrindo a porta da minha casa ambulante.

— Melpômene. — diz numa voz rouca, quase inaudível.

— Nome estranho! Aceita algo para comer?

Ela responde não: que não gostava desse tipo de comida. Fala que vai para a mesma cidade que eu e que só quer uma carona. Dou de bom grado, levo-a comigo. Aproveito para contemplá-la por um tempo. Por vários quilômetros fico olhando suas pernas jovens — não devia ter mais do que 12 anos — expostas devido à má qualidade de seu vestidinho, e seus peitos que, de onde eu estou, posso ver pelo decote do tecido sujo, quase como se quisesse que eu visse. Ajeito-me no banco, mal espero o momento de encontrar um lugar escondido para soltar meu lobo interno.

No acostamento, encontramos alguns andarilhos, algumas vezes um carro quebrado. Mas também havia corpos: pobres animais ignorantes que, tentando chegar ao almejado outro lado da estrada, falhavam, e a vida lhes presenteava com um monstro de ferro a 90 km/h.

— Um corpo putrefaz, jogado para sempre em terra de ninguém — diz ela de repente, quando comentei o caso — jogado fora onde são jogados os cigarros. Pessoas que se acham espertas, que se acham superiores, que pensam que estão no comando das coisas, possuem o mesmo fim: abandonados como gambás mortos, sendo devorados pelos vermes da beira da estrada.

— Que Deus abençoe os Bons!

— Não existem pessoas boas. O mundo é o inferno. Estamos só esperando o nosso punimento final. Ninguém merece o céu. — principalmente nós — ouço, ou penso que ouço, ela murmurando baixinho.

— O que a faz ser tão mórbida, menina?! — digo. Enxugando o suor do banco quente e desconfortável, paro um instante e continuo curioso — Onde estão os seus pais?

— Papai morreu!

— Oh! Mil per...

— Mamãe o matou. Esquartejando-o e colocando-o estirado sobre a cama, depois do que ele fizera. Não a vejo mais há muito tempo.

Calo. Sinto o silêncio ensurdecedor entre nós e o barulho da paisagem e carros passando rápidos por um tempo. Arrisco puxar conversa:

— Sabe?! Minha avó, uma católica fervorosa, uma vez brigou tanto com meu avô que e o fez ir ao padre pedir-lhe perdão, senão apanhava mais — tento uma risada sem graça.

— Não converso com meus familiares. Todos eles vivem muito longe. Talvez as mulheres tenham vidas melhores com seus homens. Meu Deus, que fome! — exclama de repente.

Ofereço novamente um pouco de comida. Ela recusa. O banco fica mais quente e duro, me encurvo sobre o volante, procurando um lugar para acabar o serviço. É quando encontro uma estradinha de chão marcada pela entrada, sem saída, de caminhões, porém escura e escondida.

— Se me permite, vou fazer um desvio. A estrada é suja e me envergonho disso, mas nada posso fazer perante as necessidades dos homens. Muitos colegas se perderam e sumiram nesse tipo de estrada — que o diabo os tenha carregado — mas São Cristóvão aqui irá nos proteger.

— O diabo não seria tão bondoso. Foi outra coisa que os carregou.

Paro o caminhão. Já não ligo mais para suas palavras desconfortáveis. Suspiro fundo. “Desculpe-me!”, digo não sei bem a quem: se a ela, a Deus, ou a mim mesmo. Aproximo, agarrando seus braços e pondo-a peito contra o banco. Ela luta. Levanto o vestido e abaixo minhas calças. Prometo que vai ser rápido e me solto: perco minhas preocupações. O santo assiste à cena clímax. Ela resmunga — como se chorasse. Puxo seu cabelo para ver o seu rosto. Ela está sorrindo: um sorriso demoníaco de orelha a orelha, desumano. Ela abre um amplo maxilar e arranca meu rosto espichando sangue no seu. Eu me arrependo! Meu Deus, meu Deus! Eu não deveria ter feito isso, me desculpe! Me perdoe! Seja misericordioso! ... Não adianta. Choro. Culpado. O inferno é meu lugar e é lá que sofrerei pela eternidade. Eu mereço, eu sou doentio, eu sou nojento.

— Tolo! — diz ela saindo do caminhão, depois de saciar sua voracidade. Abandona meu corpo e minha casa que, por muitos anos, ali ficava na beira da estrada, no acostamento. Ela se prepara para outra caçada: ela caça nessa estrada há 50 anos, e eu fui realmente um “tolo”. Pensei que estava no controle, mas esqueci de que há fomes piores.

O cisco e trave na terra de ninguém

Por Ted Silva Dantas

Quiseram os deuses que Torquemada e Voltaire reencarnassem em pleno século XXI. Não herdaram os sobrenomes capazes de conferir-lhes a fama de outrora, no entanto, coincidência ou não, receberam de seus pais o primeiro nome da geração de antes.

François (Francis para os íntimos) era lascivo, boêmio e dotado de uma língua e pena viscerais. Tomás, ou simplesmente Tom, peregrinava retilíneo, exigente e adicto a promoção ininterrupta de correções alheias. Até aí, nada de novo. Ambos viriam a se conhecer neste século de trevas ilustradas, e, como por óbvio, tornaram-se melhores inimigos. Mas diversamente do que a intuição nos apregoa, tal peleja não se desencantava no palco do sacrossanto. Tomás sequer se entendia como religioso, e François, tampouco deísta, era o que convencionalmente viemos a chamar de católico não praticante — não que isso fosse absolutamente verdade, pois, turista que era, marcava presença entre natais, farejando rabos de saia que adentrassem à Casa de Deus.

Enfim e afinal, por que brigavam?

Tomás, nascido em um lar secular, tinha aprendido valores que o embalaram, sem prejuízos terceiros, até seu descobrimento por gente, mais precisamente a partir da epifania no seu primeiro contato com as redes sociais. Encantou-se com a perspectiva de piar suas verdades em duzentos e oitenta caracteres e, fascinado, cravou raízes no livro de faces, um belo cardápio para um calabouço. Observou, como uma ave de rapina observa as suas presas, que sicranos e beltranos sempre teriam falhas de

caráter, e que o juízo e penitência de tais argueiros fariam do mundo um recanto melhor e, do mesmo modo, saciaria justa sua fome de virtudes. Quando se deparava com algum famoso, cuja piada passara do ponto, disparava sua metralhadora de sermões de boa-fé; se apercebesse algum sujeito na legítima berlinda de um espetáculo do grande irmão, por seus deméritos e faltas, execrava-o como o martelo de Deus sobre os pregos do pecado não arrependido.

— Mesmo eu, redator onisciente, passei a temê-lo. E ao leitor que tiver juízo, recomendo o mesmo.

Era proibido errar, ao menos em sua nota ou presença. Por outro lado, quem poderia reclamar? Todas as suas pautas, defesas e alaridos, por mais ensandecidos que fossem, sempre detinham ínclita e correta noção de mundo, uma verdadeira comisseração pelos mais fracos e alguma empatia, a depender do ponto de vista. Um açoite, implacável, porém justo.

No avesso da toga inquisitória, um bon vivant: Francis concebia o que queria muito antes de o querer. Desde pequeno era afeito ao mamá. Quando no início da idade adulta, não dispensara os mimos, os prazeres e sobretudo as piadas mais cáusticas que lhe sobrevoassem a telha. Seja por um senso de justiça, que nunca ficara muito claro, seja pelo excitante desafio da luta contra os poderosos, sempre esteve disposto a espinafrá-los. Utilizava de mordaz argumentação, sempre os colocando em becos sem saída, arrebatando risos de plateias anônimas por onde se encontrava. Mas uma coisa incomodava e incomodava muitos...

Conquanto desfrutasse de uma índole questionadora e voraz, tamanha irreverência também implicava efeitos colaterais no maior estilo “Ama-me ou lincha-me”. Não se policiava em suas bromas, considerava as gracinhas a gasolina da vida, embora seus impropérios fossem igualmente a fâisca da morte. Fiel aos seus próprios desejos, nunca promovia nada sério, e com frequência retirava-se acusado de jamais se comprometer.

ter verdadeiramente com ninguém, motivo fonte do ódio exercido por todas as suas conquistadas. Um homem sem coração, mas de muito apeteite, era o que diziam.

Vale comentar como os rivais se conheceram: Num canto de algum fórum cibernético qualquer, onde todos dão pitacos e ninguém tem compromissos ou responsabilidades, cada qual examinava o texto alheio sobre mil questões da hora — da ética à estética, do amor à justiça, da política à guerra. Antipatia à primeira vista, farejaram desvirtudes um do outro, todavia a convivência tornou-se impossível quando Francis atreveu-se a flertar e finalmente conquistar Emília, uma bela moça por quem Tomás tanto se encantava. Havia sido o gatilho para toda uma contenda que se arrastaria quanto mais pudesse.

Puseram-se a discutir e rivalizar por qualquer toco de assunto. E num país como o nosso, pautas não faltavam. Longe disso, absurdos jorravam como um chafariz carmesim — O policial que espancou o estudante, o rapaz que desferira à queima-roupa contra a ex-namorada, a transexual que fora atacada na esquina, o mendigo tomado por fogueira, e muitos outros etcéteras.

Francis, inconveniente, metia-se a palpitar sobre os casos; fazia-o de maneira afrontosamente proprietária. Um sacrilégio, por óbvio. Mas um instante! Estas minorias... Não é que Francis defendesse que um trator as atropelasse, em bem verdade, estava do lado dos atropelados. E então?

— Não é óbvio? — Diante do espelho, Tom confessava a si mesmo — Um sujeito bem abastado, cáucaso de boa sorte em tudo que se há. Longe, muito longe de qualquer penúria ou exclusão. O privilégio em pessoa. Tentado a dar pitacos no que não lhe interessa. No que não vive, no que não sente! — Se falava da víbora distante ou do retrato à sua frente, trazia diagnóstico certo.

Estremecido pelo ultraje, Tomás era todo impropérios. Queixa-va-se do embuste, elevava sua voz no debate, interditava-o se necessário. Nada em favor alheio.

Percebendo a zanga do rival e tomado pela vocação no desacato, Francis passou a destinar sumo do tempo à pura provocação. Adotou, a exemplo, diversos hábitos culturais de diferentes povos, termos, chavões, imagéticas sempre com um condimento irônico calculado.

Apareceu até mesmo com um cabelo rastafári — Emília rasgava-se em elogios! — e patusco que era, quando percebendo fogo feroz na contrapartida, logo dissimulava-se. “Para que tantas tormentas em copo d’água?”. Pronto, era seu oponente que agora se afogava em mar agitado.

Não sendo um estrategista vulgar, Tomás reorganizou seus flancos. Recebeu de bandeja oportunidade dourada semanas depois: François, acosado por uma forte dor de cotovelo, esperneou ofensas em público contra Emília. As palavras capturadas foram, e bem conduzidas à interpretação carniceira de Tomás, revelaram-se uma diatribe a todo ente feminino. Ninfeias e senhoras, todas em um só coro e alvoroço contra o injurioso.

Tom investiu na fórmula com mais e mais vigor contra todos seus alvos e desafetos. E conforme o tempo passava, colhia frutos também profissionais. Convocando seus seguidores para a promoção de inúmeros justicamentos virtuais, viu-se, de repente, como aquilo que a nova década passou a chamar de influenciador digital.

Ousado, estruturou seus princípios em uma sólida doutrina, o que foi bem recebido pelos inúmeros copartícipes, de hora e futuros. Sua práxis sustentava-se em três pilares claros.

Em primeiro lugar: A prudente abolição do senso de proporções. Desimportava-lhe o grau do erro, falta era falta. E permitia, não, pedia

— exigia! — a devida correção. Um insulto ou uma violação sexual afe-riam pesos igual e redundantemente reprováveis; galhofas diversas eram metrificadas com a densidade de um apartheid; arcaísmos e pormenores de linguagem, inquestionáveis autodenúncias de caráter. Enfim, não erre, acerte, é simples!

No anúncio do segundo nobre princípio, a presunção da culpa, tua máxima culpa, buscava-se uma reinterpretação do ônus da causa. Ca-beria, portanto, ao réu provar sua inocência. Quantos e tantos inocentes tiveram suas acusações liquefeitas pela inevitável ausência de provas? Tal pusilanimidade precisaria ser corrigida, e nada mais sensato do que assu-mir a verdade da vítima como a verdade dos fatos. Ao vilão, vilão seria até que se evidenciasse o contrário. Uma questão lógica elementar, não vê? — Aliás, querido leitor que tão quieto se encontra, de que lado se coloca? Tenho certeza que guarda um pretérito cristalino tal qual um diamante.

De qualquer maneira, era muito saboroso assisti-lo escorraçar ter-ceiros. E ainda que não se soubesse o pecado, o Tom dos justos lhes ga-rantia: havia um pecador. Ninguém estaria fora do peso da justiça (com exceção do juiz, talvez). O passado seria visto e revisto pelos olhares obje-tivos, implacáveis e infalíveis do presente... Até mesmo Ataulfos, Cartolas e Lobatos responderiam por seus pecados atemporais. Estariam já há dé-cadas queimando numa subterrânea fogueira ou apenas agora passavam a ela, invocados por estas vozes anônimas, mas ferozes?

Com chave de ouro deferia-se o terceiro e último golpe corretivo, o axioma draconiano de que as penas devem ser pagas com sangue. Por mais carregada de elemento simbólico que fosse tal expressão — afinal, a própria sociedade não permitiria inquisição deste teor —, continha um espírito genuinamente propositado. O mestre dos santos vingativos pregava com a mais férina convicção que nenhuma sentença seria im-posta de maneira justa o suficiente, nenhuma ferida poderia regredir, nenhuma honra haveria de ser resgatada, nenhuma súplica concebida,

pois que o apenado deveria agradecer pela purificação de sua índole, qual fosse o castigo.

“Sepulcro caído e sua legião de medíocres”, assinava Francis, recém-contratado por um importante centro jornalístico. Prodígio em um tempo em que a contemporaneidade abandonava o estilo jurássico, fora requerido como um predador moderno e muito promissor. Financeiramente estável, progredia também no amor, casando-se com Emília, a mesma de tantas idas e vindas.

O comentarista agora destinava parte de seu tempo ao impoluto inquisidor popular. Abria sua nota da maneira mais despropositada, e quando pouco se esperava, lá estava ele, praticando antropofagias mil contra seu distinto antagonista. Dissecava-o em camadas que se pudessem notar que a santidade é reservada aos santos, e ainda assim com muita cautela, mas de maneira nenhuma aos vivos, que dirá aos tão vivos!

Quando as críticas realizadas a Tomás começavam a ensejar ânimo, mais um revés contra Francis. Sua vida pessoal, que tinha se estabilizado por curto tempo, já caminhava novamente para sua habitual ruína cíclica. Primeiro foi denunciado pelos próprios fôruns pelos quais passara, ingratos, como pivô de casos extraconjugais com as colegas de profissão. Quaisquer dúvidas restantes sobre a procedência do fato foram devidamente esfareladas diante de um pedido de divórcio do próprio bisbilhotado.

A dama preterida tornou-se a nova sensação dos condolentes, e as teses do divórcio pululavam como uma erupção vesuviana. A princípio, cogitou-se que François tinha não apenas uma, mas sete amantes, uma para cada noite da semana. Depois que frequentava clubes reservados à volúpia, navegando por espirais crescentemente perigosas, cogitou-se que o desquite tivera como razão uma covarde agressão à esposa. Passou-se a dizer por todos os cantos que Francis teria dispensado a conjunção não apenas pelo seu senso romântico amoral, mas porque, percebendo Emília

em franco declínio estético, decidiu por desprezá-la; caminhando a passos largos para a separação, por alguns quilos a mais e um ou outro mal cuidado rotineiro de uma vida comum.

Acerca das fermentantes e inverificadas acusações, Francis optava por não as contestar, decerto receoso de se complicar ainda mais, o que de fato era inevitável, como se comprovou nas torrentes petições por sua demissão; ao que Tomás assistia com muito saboreio.

Em passo acelerado, o jornalista era destronado de sua cadeira no prestigiado veículo de comunicação. Não sendo o bastante, Tomás ainda se esmerou para sepultar o pouco de credibilidade que restara ao reles ninguém. Organizou campanhas de linchamento virtual e boicote sistemático, até que o simples nome francês, agora um verbete de baixo calão, fosse capaz de causar alergias a qualquer ouvinte inadvertido.

François tentou se defender tardiamente:

- Não se contentam em invadir minha privacidade e depredar minha carreira? Deduzem-me culpa em qualquer circunstância, avultam meus erros sem direito à defesa... O que mais querem?
- Tudo! Que pague o que deve pagar. — replicava Tomás, aplicando-lhe seus três pilares como três cortes de afiada lâmina.

Todos os culpados se dizem inocentes, por óbvio. Não obstante, mesmo Emília saiu em defesa do ex-marido. Para ela, embora a polêmica figura tivesse lá os seus pecados, não seria a tamanha besta-fera tingida pelo rival. Chegou, aliás, a lembrar seus predicados, generosamente cedia seus louros, como numa ópera de desfecho infeliz, mas como um competente prelúdio.

Pouco importava, o veredito estava dado. A esta pobre mulher, traumatizada por escolhas desastrosas, enferma pelo mal de Estocolmo, cabia apenas a piedade de todos. E ao terato moral, sumo da hipocrisia e servo apenas de si próprio, se asseveraria um futuro de amarguras, bancarrotas e infâmia perpétua.

O mundo, que era pequeno demais para ambos, acomodou-se à grandeza de Tomás.

Um descanso para Tereza

Por Sara Sampaio

Entre cílios cerrados, ela olhou a claridade que invadia o quarto. Sentiu o suor que escorria por meio aos seios e embaixo das costas. O dia já amanhecia e dava sinais que seria bem quente.

Tereza rapidamente acionou o cérebro para que sua mão se aproximasse dos olhos e limpasse as remelas matinais, porém o comando não fora obedecido. Algo estava prendendo as duas mãos.

Apavorada, virou o rosto para investigar o que a impossibilitava de fazer os movimentos tão comuns da sua rotina.

— Amarrada? Eu tô amarrada na cama!! — Esbravejou enraivecida.

Sacudiu os pulsos, na tentativa de afrouxar os nós. Contudo, quem a havia amarrado, não queria facilitar a fuga.

— Joaquina! Joaquina! — gritou pela ajuda da filha mais velha.

Depois de um tempo, uma moça com tranças apareceu na soleira da porta. Trazia nas mãos uma caneca com uma mistura escura. Era café com bolachas. Joaquina comia a gororoba às intermináveis colheradas.

— Bom dia, mãezinha! Como a senhora tá?

— Como assim como eu tô? Sua peste! Não tá vendo que eu tô amarrada nessa cama?

— Não só tô vendo, como sou a responsável por isso!

Ao ouvir a confissão da filha, Tereza avançou em direção dela, mas logo seu corpo foi puxado pela cama.

— Ah é ... sua filha de uma égua!

— Calma, mãezinha! — com uma carinha de anjo, justificou-se — Eu fiz isso pro bem da senhora. Eu ouvi a sua conversa com a vizinha ontem e a senhora reclamava que nunca tinha ficado na cama depois das seis da manhã.

— Aí... tu achou que seria uma boa ideia me prender na cama contra minha vontade?

— Era a única forma da senhora se deixar descansar um pouco... Agora, relaxe...

— Olha, sua... menina, quando eu sair dessa cama eu vou te cobrir de pisa.

— Vai nada... Vai tá relaxadinha... relaxadinha. Vai nem lembrar disso!

Tereza encarou a figura da garota de treze anos com uma raiva que jamais achou que pudesse sentir por alguém que ela mesma havia parido.

Só deixou de olhar com raiva para a filha quando um garotinho apareceu entrando no quarto, carregando uma bandeja!

— Seu café, mãezinha.

— Manoel, meu filho! Tira a mãezinha daqui... tira...

— Não posso! A senhora tem que descansar!

— Mas eu não tô cansada, seus pestes! Eu tenho que fazer as coisas da casa! Lavar a roupa, fazer almoço...

— Não, náoooo! A gente faz isso! Só quero que a senhora veja como é bom ficar na cama até tarde.

— Abre a boca pra eu colocar o pão!

Tereza quis xingar os filhos com todos os palavrões que conhecia. O seu corpo estava todo suado, devido a energia gasta pelo ambiente caótico que as crianças criaram. Eles impediam que ela realizasse todas as tarefas de casa. Afazeresses que ela nem se lembrava quando tinha começado a cumprir na casa dos seus pais, desde muito pequena.

O menino Manoel, com apenas seis anos, foi até a mãe e aproximou um pedaço de pão da boca dela. A boca de Tereza começou a salivar. Logo, ela não teve outra escolha a não ser devorar o minúsculo pedaço com toda a vontade. Tomou um grande gole de café em seguida e comeu mais outro pedaço de pão. Quando a comida acabou, o filho limpou os cantos da boca da mãe que se surpreendeu com tanto cuidado.

— Ótimo! Agora, qual canal que a senhora quer que eu coloque?

— perguntou a filha, apontando para a televisão de tubo de 14 polegadas que ficava em cima de uma velha cômoda.

— Eu não assisto televisão a essas horas. Eu nem sei o que tá passando!

— Tudo bem. Então, eu vou colocar nesse canal aqui... Oh, aqui tem um programa com uns bonequinhos que fazem tanta graça! Tem um bêbado, tem um policial... Aposto que é bem engraçado!

— É a última vez que eu vou te pedir, Joaquina! Me tira daqui, agora!

— Eu vou descongelar a carne... — ignorou — ...se a senhora quiser mudar de canal ou tiver com sede pode chamar que nós vem, né, Manoel!

— Sim.... Claro!

— Vocês não tão nem doído pra me deixar aqui!

Quando Tereza acabou de falar já estava sozinha no cômodo.

Olhou para a televisão à sua frente e franziu o cenho ao ver o programa bobo que estava passando. Quem assiste uma besteira dessa? Ou é desempregado ou é vagabundo... resmungou.

Esse momento a fez lembrar a última vez que ficou doente. Estava dopada por remédios e chás milagrosos. Tinha dor em todos os ossos e músculos que mal via o dia passar. Quando acordou, já sem febre, era noite. Comeu um biscoito salgado e voltou a dormir para, na manhã seguinte, fazer uma faxina na casa e lavar os lençóis que tinha usado nos dias em que estava enferma.

Crescera vendo sua mãe realizar todas as atividades domiciliares, sem ajuda de ninguém. Sua mãe teve sete filhos e nunca reclamou das dores e do cansaço. Quem seria Tereza para fazer isso? Já que ela se encontrava em um cenário bem mais favorável, com apenas dois filhos e um emprego de faxineira que possibilitava alimentar sua família com dignidade. Não tinha nem o direito de querer uma vida mais fácil! Na verdade, nem sabia como fazer isso!

Encarou uma teia de aranha no canto do quarto, perto de uma cadeira. Sentiu uma vontade imediata de espanar, de varrer, de esfregar. Sua

vida era faxinar. Talvez por isso tenha adquirido uma mania de limpeza. Se o lugar em que ela estava não estivesse todo limpinho, a mulher não estava cumprindo sua função na vida.

Na televisão, agora passava um programa de artesanato. Ela não tinha muita experiência no assunto, mas já havia se interessado por fazer bonecas de pano. Contudo, os materiais custavam caro, e ela não tinha nem tempo para fazer qualquer coisa que não lhe fosse útil. Hobby!!? Não sabia que era! Quando viu, certa vez, esse nome escrito em um papel, achou que se tratava do parceiro do Batman do desenho que Manoel assistia!

Gostou do vestido de crochê que o rapaz estava ensinando a fazer. Podia comprar a linha e fazer para usar nas festas juninas. Ela usaria na noite para ir ver as quadrilhas na escola. Podia até se maquiarem e quem sabe surgia um convite para uma dança. Claro que não estava interessada em romance. Seu marido tinha saído de casa quando Manoel era bem pequeno, e ela não era mais fã do amor. Talvez, quando escutava as músicas de Roberto Carlos... mas ele enfeitava tanto essa sensação que não tinha como não se iludir mais.

A sorte no amor não andava nem perto dela. Sorriu! Seu primeiro namorado criou uma marca profunda de dor. O rapaz era educado e se mostrava tão interessado que a moça custou a acreditar que fosse possível alguém nutrir um sentimento tão lindo por ela. Era juvenzinha e ingênua e confiou que tinha encontrado o grande amor da sua vida. No entanto, depois de alguns encontros, o rapaz se tornou violento ao ponto de tocá-la sem permissão. O ato foi desconfortável e a fez ter raiva do próprio corpo. Tu anda com esses vestidos transparentes, queria que eu fizesse o quê?

Os olhos de Tereza estavam ficando pesados ao lembrar desses tristes dias. A monotonia por ter que permanecer parada naquela cama e as lembranças do sofrimento permitiram que uma onda de sono a invadisse. Acomodou a cabeça no travesseiro e virou o rosto para o lado

esquerdo, para fugir dos raios do sol. Lentamente foi perdendo a consciência, pouco a pouco, olhando para o lado onde o ex-marido costumava trocar o uniforme azul pelo velho pijama xadrez.

Conheceu o pai dos filhos depois de alguns anos. Ele não era do tipo romântico, mas a respeitava e colocava comida na mesa. Não a tratava como uma bela mulher, pois ele achava que ela não tinha beleza para receber elogios. Era apenas uma mulher comum, que poderia cuidar da casa e lhe dar filhos. Mulher bonita ele podia encontrar na rua. Contudo, com o passar do tempo, começaram as grosserias e a disparar ofensas gratuitas à Tereza.

— Que roupa feia é essa que tu arrumou? Não que tu pudesse ficar mais bonita com qualquer outro pedaço de pano enfeitado. Com esses cambitos de galinha devia usar um vestido até os pés.

— Não fale assim comigo, Júlio.

— Ah... agora não posso falar que tu nasceu feia! É feia agora e vai morrer feia! Tô falando alguma mentira?

— Então por que tu casou comigo se me acha tão feia?

— Porque eu queria ter uma feia em casa, que nenhum cabra vai botar os olhos, e ter minhas namoradas bonitas por aí.

— E tu se acha muito bonito, né?

O homem avançou para Tereza e depositou um tapa sonoro no rosto dela. Tereza chorava de dor e de raiva. O poder que ele achava que tinha sobre ela. Quem era ele para falar da sua aparência como um ser superior? Só porque era homem? Os homens têm a convicção de que podem tudo. Infelizmente, há poucas forças que dizem o contrário.

Quando o ato se repetiu semanas depois, Tereza sabia que tinha algo de errado e que o fruto que estava podre só tendia a piorar. Mandou o homem embora, da casa que ela tinha comprado, às vassouradas. As crianças choraram muito devido à ausência dele, mas aquela dor esmagava o coração da mulher todos os dias, ainda teimavam em corroer as feridas abertas. Definitivamente, ela não queria mais um homem em sua vida.

Meses depois, Tereza recebeu a visita de um primo distante. O homem estava de passagem e parou na casa para pedir um copo d'água. A mulher levou o primo até a cozinha e buscou um copo para servi-lo. Enquanto a água caía pela torneira do filtro, Tereza sentiu a aproximação do quadril do homem junto ao seu.

— Que saudade que eu tava de tu.

Tereza tentou se distanciar, mas o homem a pressionou mais. Começou a passar a mão pelo ombro e pescoço dela. O coração da mulher começou a correr, e ela sentiu vontade de gritar. Estava cansada de não ser respeitada. Não importava onde ela estava, um homem vinha reafirmar sua soberania sobre ela.

O sujeito começou a fazer movimentos contra o corpo de Tereza. Ela estava prestes a cair no chão, quando um som de vidro se estilhaçando rompeu pelo cômodo.

Os cacos estavam ao lado dos pés da Joaquina, de dez anos. O homem se distanciou e se despediu imediatamente.

Abatida, Tereza encarou a filha. Trocaram olhares de cumplicidade. Tereza não sabia se ela tinha entendido a situação, mas acreditava que o copo não tinha caído por acaso.

— Desculpa, mãe...

A voz da menina chegou aos seus ouvidos de forma diferente.

De repente, Tereza notou que estava com os olhos fechados. Abriu-os e viu Joaquina na porta do seu quarto. Ela estava com treze anos de novo! Lembrou-se da presente situação pitoresca que a menina a tinha colocado, e tratou de reclamar.

— Joaquina, me desamarra daqui, agora!

— Do que a senhora tá falando, mãe?

— Das minhas mã...

A mulher não sentiu as amarras dos pulsos. Aproximou as mãos dos olhos e não notou marca alguma de que fora amarrada pela filha.

— A senhora dormiu até tarde. Acho que é por isso que teve um sonho estranho.

Tereza ficou atordoada com a situação. O sonho aparentava ser tão real. Cada detalhe que até parecia fazer parte de um roteiro de filme. Queria analisar a situação com calma, mas se lembrou da última imagem que foi reproduzida antes de acordar e que a filha estava envolvida. Essa, sim! Aconteceu de verdade!

A mulher foi tomada por um misto de energia e alegria e com urgência correu para abraçar Joaquina.

— O que é isso? — perguntou a menina, sendo esmagada.

— Obrigada por ter me dado o que eu precisava.

— De nada, eu acho.

Tereza soltou a filha e encarou-a veemente.

— Tive uma ideia. Tu quer que eu faça um vestido de crochê pra tu que eu vi... no meu sonho?

— É bonito?

— Sim, é lindo. Vou fazer um pra tu e um pra mim.

— Tá bom. Eu quero.

— Mas agora eu tenho que fazer as coisas da casa. — disse olhando em volta.

— Eu varri a casa e comecei a fazer a sopa. Não sabia que horas a senhora ia acordar e não queria ficar com fome.

— Tu é um tesouro mesmo. — beijou a cabeça da filha — Cadê teu irmão?

— Tá brincando de carrinho no quintal.

— Então eu vou tomar banho e terminar de fazer as coisas da casa. De tarde, eu vejo o negócio da linha do vestido.

— Tá bom.

Tereza saiu do quarto abraçada à filha. Sentiu o elo que o corte do cordão umbilical não foi capaz de romper. A filha a prendeu ou a libertou? Talvez as duas coisas, talvez nenhuma.

Zelinda

Por Regina Ruth Rincon Caires

Feito fogos de artifício, espocando em noite escura, trazendo um misto de medo e encantamento, assim era Zelinda. Talhada para esbarrar na tênue fronteira do imponderável. Cabocla faceira, sem rédeas. Era a caçula de oito filhos, a sexta menina. Concebida ao acaso, no desgoverno da vida, não carregava qualquer tristeza. Não era muito de pensar. Acho que nem pensava.

Zelinda encantava mais do que amedrontava. Vivia cercada de olhares, de prosas, de ralhás. Nunca ficava esquecida, não vivia pelos cantos. Ao contrário, era centro. Esbanjava vida, irradiava alegria, acabava com o silêncio da vila. Isso só foi ficar claro depois do ocorrido.

Eu, apesar de bem mais nova, espoleta em exagero, perdia terreno por quilômetros para Zelinda. Com ela, não havia páreo. De voz estridente, pele morena, cabelos anelados, quase a lhe roçar a cintura. Fios que nunca viam pente, sempre em desalinho. Tinha olhos castanhos-acobreados. Lindos olhos, acesos feito labaredas. Esguia, vivia metida em vestidos sempre frouxos, herdados das irmãs mais velhas, e que lhe davam um ar de constante de desmazelo. E chinelos surrados, quase a saírem dos pés, compunham o semblante de Zelinda.

Arredia à escola, depois de muita repetência e já sabendo escrever o nome, largou de vez. Também já nem se ajeitava mais nas carteiras do grupo escolar. Era moça feita. Distraída demais para conseguir um emprego, não se acomodava. Restava-lhe serviço nas colheitas, no entorno da vila. Fazia isso, mas a ocupação era pouca. Na capina, não se encaixava.

Como não rendia na lida, sitiante algum se interessava em combinar serviço com ela. Isso só foi falado depois do ocorrido.

O pai, nordestino de nascimento, na vila era o “faz-tudo”. Vendedor de galinhas, amansador de cavalo, negociante de boi, empreiteiro de obra, pedreiro. Bastava ser chamado, lá vinha o Seu Zé apetrechado com seu chapéu de couro. A mãe, sertaneja mirrada, de semblante crispado, era dada a benzimentos. A vila toda acorria às passadas de ramo de Dona Lindinalva. E ainda era parteira! O nome de Zelinda, sem muita opção de escolha, depois de tantos filhos, foi o ajuntamento dos nomes dos pais.

Era família de pessoas honradas. Todos trabalhavam. Zelinda era a mais protegida. Tinha a escora de carinho dada aos caçulas. Viera para desfrutar desse aconchego. E desfrutava. Mesmo sendo vista como descompromissada, dodivana, não era. Apenas feliz — só isso. Passava, indelével, pelas agruras da vida. Não se prendia a tristezas. Se existiam, e existiam, não a físgavam. Era imune, etérea.

Naquele canto do mundo, a vida corria sem grandes surpresas. As alegrias eram reservadas a nascimentos, poucos casamentos. Aniversário quase não era comemorado, a não ser com uma missa em ação de graça. As tristezas, sentidas, mas pouco faladas, eram traduzidas apenas no choro em algum velório, que também era raro por ali. Vila de poucas ruas, todos sabiam tudo sobre todos; ninguém escapava do crivo de olhos nem sempre bem-intencionados.

Dos namoros, dos adultérios, dos estapeamentos, das brigas de boteco, tudo era falado na surdina. Todos sabiam, mas só se comentava entre quatro paredes.

Quando acontecia de calhar um namoro que não era de gosto da família, a vila ficava em polvorosa. Virava um burburinho, uma expectativa velada. E sempre acabava da mesma maneira. O casal fugia. Passava

um dia fora, costumeiramente abrigado por um familiar mais distante. Quando voltava, a moça sempre avexada, a situação criava um mal-estar. Percebia-se a vontade do pai atracar no pescoço do genro. Vontade que só era abrandada pela certeza de que a mazela seria remendada. Do casamento ele não escaparia. E os casamentos eram realizados e mantidos, independentemente de vontade.

Zelinda era impetuosa, sem modos. De gargalhada franca, deixando à mostra todos os dentes, cabeça jogada para trás, o som ecoava longe, animava parte da vila. Talvez por isso, apesar de pretendida por muitos moços dali, era evitada. O candidato se resguardava, temia a lida com aquele espírito indomado. A recomendação vinha de casa: era sinônimo de perigo.

Um dia, apareceu na vila o coletor de impostos. Os moradores, acostumados com o velho Doutor Afonso, ficaram admirados com a aparência quase imberbe do novo servidor. Chamava-se Augusto. Não aparentava mais de quarenta anos, bem vestido, dirigindo um carro impecavelmente novo. O costume era hospedar-se no único hotel da vila.

À noitinha, os hóspedes, quase sempre mascates e motoristas, ajeitavam-se nos bancos da praça. Ali conversavam, acendiam seus cigarros, planejavam a nova rota a percorrer. E não faltavam os olhares furtivos para as moças da cidade. Tudo muito discreto, segredo velado.

E foi assim, sem saber, que Zelinda conheceu o amor. De início, nem percebeu o interesse do novo coletor. Foram meses sem que erguesse os olhos e sorrisse para o estranho. Ela era irrequieta, mas trazia um migalho de lerdeza. Tinha inocência, alma de criança.

Augusto passava pela vila de dois em dois meses. Foram tantas as investidas que, por fim, conseguiu conversar com Zelinda. Sempre que voltava, trazia presentes. Perfumes, bombons, tecidos... Ela ficava encan-

tada. Tudo era novidade, luxo que não conhecia. Não namoravam; ele nunca falou disso e ela nem entenderia.

Dona Lindinalva achava tudo muito estranho. Procurava esconder os presentes para que o marido não percebesse. Só não conseguia abafar o cheiro dos perfumes que Zelinda, descontroladamente, usava. Não tinha hora ou lugar. O excesso ardia até nos olhos. Com o tempo, até o pai percebeu.

Pela vila, o murmurinho corria solto. Estava se avolumando de tal maneira que extravasava as quatro paredes. E chegou aos ouvidos do Zé Cearense. Foi um quiprocó. Zelinda conheceu, pela primeira vez, a mão pesada do pai. Naquela casa, nunca as preces foram tão clamadas como naqueles dias. Dona Lindinalva passava os dias implorando a intercessão dos santos, pedindo a proteção de Deus.

Nem todas as sovas e todas as rezas conseguiram separar Zelinda do encantamento dos presentes. Contava os dias para encontrar Augusto. Os encontros eram furtivos, cuidadosamente tramados. E foram tantos... Isso foi falado depois do ocorrido.

Certo dia, os olhos diligentes da mãe perceberam que os vestidos frouxos estavam se ajustando. A filha estava mais encorpada, ainda mais bonita. Nem deixando que seu coração se alegrasse com aquela formosura, a realidade a puxou pelo estômago. Sentiu um calafrio, uma gastura, um desassossego; de cria ela entendia bem. Ainda que a própria Zelinda não soubesse, estava prenha.

Outra quizumba foi formada. Desta vez, a mão pesada do pai não foi sentida. Dona Lindinalva não permitiu.

Zelinda, de início, ficou assustada; mas, com o passar dos dias, a barriga não parecia lhe apoquentar. Ria do mesmo jeito, andava por todos os cantos. Descompromissada, falante, sem rédeas, faceira. O pai,

calado e inconformado, esperava a volta do coletor de impostos. A espera levou meses. Ninguém ouvia falar de Augusto. E, embora sentisse falta dos presentes, Zelinda nunca ficava triste.

A gravidez ia tão avançada que Zelinda já não podia correr. Formosa, tendo o encanto de uma borboleta, moldada por uma graciosa lerdeza, não se inteirava com o preparo de qualquer roupinha para o filho, não tinha qualquer tino da responsabilidade que se formava no seu ventre.

Naquele fim de tarde, Dona Lindinalva percebeu que, apesar de estar quase escuro, Zelinda não voltou para casa. Com o coração apertado, fincou pé na soleira da porta, olhando a rua. A noite caiu, e ela não chegou.

Quando Seu Zé entrou pelo portão, percebeu a agonia nos olhos da mulher. Atordoados, todos da casa saíram em busca da menina. Em pouco tempo, a vila toda procurava por Zelinda. Não sobrou casa que não fosse visitada. E nada de notícia. Absolutamente nada.

Começou um falatório de que o carro do coletor de impostos havia passado por ali. E assim cresceu a suspeita de que Zelinda tinha partido com Augusto. Antes tivesse...

A madrugada já ia alta quando Dona Lindinalva ouviu abrir o portão. Num pulo, estava na porta. Era Seu João da Botica. Um caminhoneiro tinha encontrado Zelinda. Estava jogada na beira da estrada, morta.

A dor dilacerante daquela família nunca foi esquecida. Era um choro engolido, um fincar de espinhos em ferida aberta.

Zelinda fora esfaqueada no ventre. Morreu mais o filho, cortados pela mesma lâmina. Estava imensa. Colocada no caixão, a barriga transbordava na altura. Parecia que era chegada a hora de parir. Antes fosse...

A dor maior, aquela que marca o pensamento para a vida inteira, foi quando, no momento em que o caixão deixava o casebre, não foi possível colocar a tampa. A estrutura de ripas de madeira revestida de pano roxo não cobria a imensa barriga. Nessa hora, Dona Lindinalva não resistiu. Pôs-se a gritar. Urrava feito uma alucinada, maldizia o Criador, se arranhava. Ali, naquele momento, deixou a sua sanidade, os seus benzimentos, o seu ofício de parteira. Pelo resto de seus dias, arrastou-se, ensandecida. Seu Zé desacorçoou.

Zelinda foi enterrada com a tampa do caixão apenas escorada, sem lacrar. E isso ficou gravado na memória do povo. Partiu sem presentes, sem compromisso, sem saber por que partia.

O malfeito não foi apurado: era o costume. A prova da autoria do martírio morreu com ela. Apenas suas retinas testemunharam a figura do algoz. Augusto nunca mais foi visto. Virou lenda.

Na vila, mesmo depois de mais de meio século, as dúvidas ainda perduram. A dor não foi esquecida. Espalha-se por entre as casas. Sobrevoa, silenciosa. Talvez procure se juntar, mais acima, ao som das gargalhadas espalhafatosas de Zelinda.



Poemas

Aprender química em casa

Por Fábio Alves Leão

Muita gente não gosta de química estudar,
Mas a química é uma matéria legal.
A química está em tudo, dá até para rimar!
Vamos começar a falar da química geral!

A química é uma ciência
Que estuda a matéria e suas transformações,
Energia é a sua essência.
Covalente, iônica e metálica são as ligações.

Os prótons têm carga positiva, elétrons carga negativa;
Os gases nobres têm oito elétrons na última camada.
A química não pode ser uma matéria optativa.
Estão todos prontos? Vou fazer a chamada!

Os elementos estão todos separados,
Organizados de forma bem lógica.
Pelo número atômico estão ordenados,
Família A e família B na tabela periódica.

Em casa tem muita química para aprender:
Tem sódio e cloro no sal de cozinha,
Hidrogênio e oxigênio na água de beber.
Tem química no café, no pão e na farinha.

Veja quanta química eu descrevi,
Mas ainda não falei quase nada.
Nem da cozinha eu saí,
Ali tem muita química para ser estudada.
A química tem seus mistérios,
Seus segredos e seus encantos.
No ar, na água e nos minérios;
Tem átomos e moléculas em cada canto.

As aulas práticas de química são mesmo atraentes,
Tudo com muita segurança no laboratório:
Balanças, vidrarias, capela, jaleco e reagentes;
E no final da aula todos apresentam o relatório.

Não esqueci do carbono,
O elemento químico da vida!
No dia da prova você não vai perder seu sono,
Nem ter a matéria esquecida

Carbono lembra química orgânica e seus compostos,
Seus conceitos e reações.
A partir de hoje eu garanto e aposto:
Aprender química tem muitas emoções!

A química é do bem e ajuda a progredir.
Para o avanço tecnológico ela é essencial,
Não pode o meio ambiente poluir
Porque daí a humanidade toda fica mal.

As reações químicas são mesmo fascinantes:
Muitas são coloridas, outras geram calor.
De todas as reações uma é a mais importante:
A reação química do amor!

A sombra da inveja

Por Matheus Fernandes de Sousa

Antes do mundo ser mundo
Houve “guerra no céu”
A grande batalha pelo paraíso:
Lúcifer versus Miguel.

Movida pela inveja,
Traíçoeira, forte e cruel,
A mesma que na terra fez
Caim matar o irmão Abel.

A podridão no caráter
Da mais antiga serpente
Se alastrou pela terra
Gerando bastante semente.

Inveja, do latim invidia
Um dos sete pecados capitais
Que formaram a mnemônica saligia
A junção de suas iniciais apodrece os ossos do corpo
Corrói o coração dos mortais.

É chaga cancerosa
Com atestado de incompetência
Te leva para o cativoiro
Tendo o diabo na regência

Desgosto pela felicidade alheia
A principal consequência.

Querer que o outro não tenha
Ânsia que mata e faz sofrer
É ombro amigo na tristeza,
Mas na alegria não suporta ser
A feição entrega o incômodo
Se tiver olhos, basta ver!

Dominá-la com todo vigor
Sufocando a comparação
Pois, na vida, o fundamental
É transformá-la em admiração
Uma bela árvore frondosa
Sem sombra de escravidão.

Memórias de uma vida inteira

Por Emrick Augusto Borges Almeida

“Tudo que está perto do coração é eterno.”
Dizia minha avó, bordando bilhetes de amor
no interior da jaqueta de meu avô,
antes dele viajar a trabalho.
Aprendi a costurar e bordar com ela.
A agulha perfura o tecido
à procura de alguma forma absoluta.
Minha avó adorava. Minha mãe não reclama.

Faço do bordar o meu tranquilizante
para que outros mais literais
de mim não tomem posse.
Mas raramente me permito certa regalia, pois a Faculdade mora ao lado.
De corredores largos e arquitetura panóptica.
Meu inferno particular,
insistindo em me vender a esperança de um futuro melhor.
Nunca acreditei.

Em verdade, nunca acreditei em muita coisa.
Sou simples e partirei simples.
Nasci como qualquer outro, de pais conservadores,
com alguns traumas básicos, sem muita ambição de vida.
Posso prever todos os meus passos até o fim do mundo:
Dois ou três salários-mínimos; um amor que dure dez anos; dois filhos.
Minha casa será financiada, meu cachorro vira-lata.
Quando mais velho, terei diabetes ou pressão-alta.

Tendo minha vida em versos,
é provável que eu morra triste, num dia frio, em alguma varanda.
Não haverá histórias sobre mim.
Tampouco esta é sobre mim.
Nela eu apareço no centro das coisas,
mas é o que não foi dito que realmente importa.
Amanhã minha Faculdade retorna. Foi o dia em que a conheci. São memórias de uma vida inteira.

Passsei perfume, me organizei.
Cumprimentei a guarita e os velhos amigos,
caminhei meus passos pelos corredores,
vi caras novas e outras já datadas.
Estava tudo como sempre estive: cinza e escuro.
Em aula, sentei-me no canto da parede, escorado.
Ela surgiu pela porta: de cinza-escuro.
Sentou-se atrás de mim, escorada.

Aproximou-se e me perguntou o cosseno de zero. Um.
Sua voz era doce demais. Suas roupas largas
sem se importar com a ausência de curvas, gritava.
Cachos densos tangenciando o infinito, definidos.
Sapatos sujos. Risada frouxa.
Surgiu uma atividade em dupla, fizemos juntos.
Passaram-se duas semanas e quando vi almoçávamos juntos. Eu estava feliz.

Apasionar-se é render-se a um vício violento.
No começo há o aroma e a ideia. Quando se vê já degustou. Seus amigos percebem, o mundo a sua volta é ressignificado. Degustar não é mais o suficiente e o barulho vai aumentando. Sua mãe percebe o excesso de perfume, mas não reclama.
Vocês estão o tempo todo juntos, mas ainda não é o suficiente.
E de repente já não se come, não se pensa em mais nada.

Só há dois caminhos na estrada da paixão: o sim ou o não.

Eu tinha medo de me render a esta droga.

Aquele medo universal, de pegar o caminho errado nesta estrada da perdição.

Em momentos, sozinho, eu reforçava os seus defeitos:

“Às vezes, ela grita sem motivo; oscila de temperamento” Deixa... deixa...

Sente-se em outro lugar, almoce em casa.

Mas este meu coração, reacionário à decência moral,

cegou seus ouvidos e se jogou nesta causa pobre.

Apareceu ela, certo dia, com machucados pelo corpo.

Era a moto, sempre a moto.

Vermelha e não muito potente, voava pelas estradas sem mapa. Velocidades infinitas, em um trânsito violento, preocupavam a todos. “Não entendo essa sua Pulsão de Morte”, falei preocupado.

“Faço pela adrenalina”, responde ela.

“Você é adrenalina”, retruco.

Ouve-se uma risada frouxa e a vida continua.

Atrás de mim ressoava a voz e o perfume.

Minha condição de usuário alterava o meu comportamento padrão.

Meus amigos sabiam, mas se mantinham estáveis.

Já eram dois meses, entre provas, notas baixas e nossa boa amizade. O barulho foi aumentando.

Aquela garota, aquela fisionomia, aquela catástrofe.

Meu coração alcançou a causa pobre.

“Preciso conversar com você”. O sinal toca. Amanhã.

Em casa eu bordava como se o fim do mundo estivesse próximo.

Ela apareceu no portão sem deixar rastros, veio na moto vermelha.

Sabia onde eu morava pelo trabalho de Física que fizemos ali. Entrou.

Perguntou sobre minha mãe (no mercado), entramos no meu quarto.

Eu abri meu coração, esperando que ela o perfurasse,

mas ela o segurou, o beijou e dormimos juntos.

Em meus braços, todo o vício saciado (quase), pois ainda era preciso uma recordação.

Peguei uma tesoura de costura e com delicadeza única, cortei um pequeno cacho.

Conversamos meio mundo, planejamos duas vidas inteiras.

Beije suas feridas, suas dores e ela sorriu dos meus bordados. Voou-se o tempo.

Catava ela roupas pelo quarto, entre beijos e abraços, fracassando ao impedi-la. Era um romance inesperado, de uma tangente fora de minha vida pré-definida.

De um Bordado para uma Adrenalina, éramos aquilo. Um.

Pegou a moto e saiu. Morreu duas esquinas depois, por um trânsito violento. Deixa... deixa...

O barulho virou um zunido de mil anos, mas só cinquenta se passaram.

Hoje, mal ouço minha voz; caminho meus passos, com lentidão.

A diabetes me alcançou e meus dois filhos me deixaram para trás.

Vivo da aposentadoria, um casamento mal curado e na companhia de um vira-lata.

Eu sabia que iria doer, mas não pensei que seria tanto.

Um homem não esquece de seus vícios, assim como eu nunca me esquecerei do meu.

Espero que hoje seja um dia frio, para que, na velha varanda, eu possa usar minha jaqueta

e sentir a sua presença bordada em um irretocável cacho marcado pelo tempo e eternizado nas palavras de minha avó.

Perdeu o fio da vida quando deparou-se com a meada

Por Isabella dos Santos Lima

E de pensar na origem
houve que se chegou ao Ponto sem nó. Ali, naquele mato sem cachorro
tardou na escuta das histórias da velha. Se era sua avó, não sei
tampouco se era curandeira ou costureira.
Então, havia o que temer?
Contava histórias sobre como saber da vida
e sobre como a Morte conhecia o mundo

– O meu e o seu (pode ter certeza) ela vai te fazer querer ir embora.
E quando houver chegado a hora, vai sorrir ao te ver
implorando para que permaneça.

Foi desse jeito, pensando nas bizarrices:
acordar-dormir-morrer-viver-nascer-enterrar-
chegou a lua. Naquela noite parada, cujo vento nem atendia por esse nome
Salina não ansiava por aquilo, mas dizem que todos que morrem têm
consciência dela.
Partir seria, ainda que como a água pura, doloroso:
Aqueles que não a acompanhassem, entregariam
só Deus sabe por quanto tempo
pesadas lágrimas

– Só na ausência é que se entende o pedido de clemência
E dói ainda mais, porque não há pró-atividade que supra
O sentimento de nada ter sido o suficiente, porque a dor do corte da carne
só o tempo sara.

Em cada sintaxe, construída popularmente, Salina parava o tempo,
deitava na mesa velha
a ampulheta de areia verde
vertendo pensamentos como numa ácida vertigem,
sonhando com o dia do impossível, realizando a faceta
de voltar no tempo e matar
a amante do seu amado,
como numa costura, um arremate frouxo,
uma linha que, mesmo depois de passada entre lábios-língua, atravessava
o furo da agulha sem amarração inicial:

Soltou o todo
permanecem os vincos.

Síndrome do ninho vazio

Por Manuela Coelho Amin Ferraz

(Aceitei que escapassem com as minhas carícias)

Eles me renderam
apontaram a culpa em minha direção e atiraram à queima-roupa

Cena de crime

A alma esfarelada
e as minhas mil migalhas espalhadas pelos ares

Imóveis

Sem casa

Carentes

Despossuídas e Deslumbradas

com eles

Que preferidos

Que acolhidos

Que bem-amados

E eu nada

E eles tudo

Mas então a fuga

E assim o vazio no ninho

o oco, o eco, o seco

o cru, o cruel, o crudelíssimo

o silêncio, silencio, shh...

E eu nada
E eles tudo

Afinal
só as mães são felizes
porque elas dão a vida

O que nos resta é dessantrar no asfalto

Vivi num tempo

Por Benedito Justino Bezerra

Vivi num tempo onde as músicas falavam de amor e ingenuidade
As letras eram simples
O tema era só felicidade

Vivi num tempo onde os valores
eram éticos e morais
Era nosso dever honrar e respeitar nossos pais

Vivi num tempo onde o Merthiolate ardia
Quando o machucado sarava era só alegria

Vivi num tempo de amizades leais
Aqueles vínculos não se quebravam jamais

Vivi num tempo onde os versos tinham nexos
As palavras conexões
Nossas atitudes... só guiadas pelo coração

Hoje os versos empobreceram
As palavras perderam a razão
Nossas atitudes conduzem à destruição

Daquele tempo só restou a nostalgia
Para completar minha tristeza
vivo em plena
Pandemia

